



Eros em trânsito

Lorena Rojas Parma

Tradução: Leda Herrmann

Nestes tempos, caracterizados por mudanças rápidas, *post* presente, identidades nômadas, tecnologia digital, *experiência* mais que conceito, *et alia*, pode ser interessante pensar em uma “zona estranha” e profunda da alma: o “intermediário” – esse misterioso porvir que se descobre deambulando entre as coisas. Tem sido um lugar privilegiado da busca filosófica, e também do desejo. Desde cedo fomos advertidos que não há saber transformador sem desejo, *episteme* sem Eros. Começa com Platão a reflexão sobre o trânsito e o intermediário. Não só porque é quem descobre e detecta sua vitalidade, mas também porque fortalece, desse ponto, a vida interior. Porque não deixou de nos lembrar que as perguntas sobre a vida, e a força do amor, rondam essas complexas passagens da existência. Por isso peço-lhe que hoje seja nosso Virgílio.

Trata-se de *metaxy*, “o intermediário” grego, que caminha em espaços mais ou menos definidos e, sem ser nenhum, adquire seu perfil *no meio* deles. Com o desvelamento de *metaxy*, a reflexão começa a orientar-se pelo *meio do caminho*, pela metade da rota, o que tornou possível o inestimável espaço filosófico *da pergunta*. Com isso nossa compreensão da filosofia faz-se procura, assombro que se interroga, e não mais um achado definitivo que revele a verdade das coisas. Agora a verdade se arma com o fio tênue da pergunta que a procura.

A poderosa dicotomia ser/não ser, que não deixou de infiltrar-se em nossa maneira de compreender a vida, opacificava, com sua iminente claridade



racional, qualquer possibilidade intermediária, qualquer resquício, ranhura de si mesmo, ou do ser. A uma deusa de nome desconhecido devemos o descobrimento: há só dois caminhos – assim revela minuciosamente a Parmênides –, *o que é e o que não é (estin, ouk estin)*¹. Não existe – não pode haver – nenhum outro, pois o intelecto, que se funde com o pensável, só pode conceber o que *é*. De que modo poderíamos pensar o que *não é*? Não há pontes, lugares de entrecruzamentos, trânsitos, nem em si mesmo, nem na existência. Não obstante devemos lembrar que o monumental achado da deusa, com conseqüências que ainda se perdem de vista, é que o movimento, a transformação, não existem. E de muitas maneiras, ao longo da vida e que hoje chega até nós, essa verdade de “coração imperturbável” (*atremes hetor*), trata de voltar a se manifestar.²

O intermediário aparece como o valioso reconhecimento da indefinição, do desejo ou da busca. Torna possível que a pergunta seja também o achado. O que *não é* conhecimento, ou verdade imperturbável, tampouco é o aterrorizador e impossível “*não ser*”. Porque *entre ser e não ser*, há “algo” que se move, que transita e põe tudo em tensão. Como a pergunta e o desejo. Pois assim como a pergunta é intermediária entre saber e ignorar³, o que *não é* belo tampouco funde-se, sem consolo, no extremo contrário do feio: entre eles *medeia* – nada mais que – o desejo erótico⁴. Platonicamente falando, há uma relação muito estreita entre amor e busca filosófica, pois o movimento interior que nos retira

¹ Cf. vv 3-8.

² Cf v 25.

³ Cf *Menón*, 80d-81b; 86c-86b.

⁴ Cfr. *Banquete*, 202a e ss



do estabelecido, de uma crença ou de uma vida rotineira, agora expressa-se como uma experiência erótica. E quando digo “interior”, não me refiro a algum dualismo mundo/homem, intrigante para os gregos e desatualizado para nós: a alma e a seu corpo, o mundo e a alma de cada um, alteram-se, como em uma mesma vibração, e empreendem o caminho. No silêncio da rota, Safo com certeza, em sua maravilhosa imagem erótica, murmurará: “Eros inquietou-me os sentidos como na montanha arrojam-se os pinheiros ao vento”⁵. Creio que todos reconhecemos esse andar trêmulo, em algum momento de nosso próprio andar.

Estamos interessados, especialmente, que Eros revele-se como uma divindade *entre* deuses e mortais, quer dizer, como um *daimon*. Um *daimon* que anda, vagabundeia e pergunta. Porque um deus (*theos*) é belo e feliz, extrapola em plenitude; e não vagabundeia porque *sabe* onde está. Mas um *daimon*, que anda pelas regiões que medeiam entre homem e deus, que não é uma coisa nem outra, nem belo nem feio, que anda buscando, “define-se” pelo desejo do que *não tem*⁶. E por esse perfil carente, não pode ser um deus⁷. Com efeito, o que vagabundeia e segue passo a passo conserva um sentido de mendicância. *Aletes*, “vagabundo”, “mendigo”. Como o Odisseu desgrenhado que se mistura entre os pretendentes. Quando Platão define Eros como desejo de territórios intermediários, de pronto adverte-nos que só se deseja o que não se tem⁸. Com ele o desejo erótico tem a missão de descobrir almas em que algo falta; de despertar-nos certa consciência de que nos sentimos saudosos, e de que nos

⁵ Frag. 47. Trad ao espanhol - J. M. Rodríguez, com uma leve modificação. (Madrid, Hiperión, 1993, p. 55).

⁶ Cfr *Banquete*, 200b

⁷ Cfr *Banquete*, 202c.

⁸ Cfr *Banquete*, 200b-201a.



falta o que ardorosamente sentimos. O desejo permite reconhecer que estamos no *meio* do caminho. Esse mendigo platônico, nosso Eros em trapos, deve saber *também* desse seu recurso, de sua possibilidade. Pois esse *meio* caminho nunca é nenhum caminho. Aqui trânsito evoca *o percorrido*. Não desejamos nem perguntamos pelo nada, pelo não ser ou pela feiura. Para os gregos sempre esteve claro: *ex nullo, nihil*.⁹

Platão diz que Eros vagabundeava pobre e descalço pelas ruas, mas é feiticeiro hábil e exitoso em seus truques de caçador. Ocorre que teve uma origem híbrida, como sua natureza: seu pai é *Poros* (Recursos) e sua mãe *Penia* (Pobreza). Em um banquete em que os deuses celebravam o nascimento de Afrodite, *Poros* embriagou-se de néctar e *Penia* que rondava o lugar, conseguiu esgueirar-se, deitar ao lado de *Poros* adormecido e conceber um filho seu: Eros¹⁰. Daí seus recursos e sua carência, um meio de trânsito pelas coisas. Esse intermediário necessitado e habilidoso é o mesmo da pergunta, do trânsito interrogante, que também nos agita e nos inquieta, como o *daimon* apaixonado. A pergunta filosoficamente valiosa, que distinguiu o que se sabe do que *não* se sabe¹¹, reconhece seu espaço intermediário. É nisto que consiste o célebre “não saber” socrático e sua singular sabedoria. Pois a *metaxy* não é tomar uma fronteira por outra. São os deuses os que não perguntam; eles já sabem. Mas o que *crê* saber, o que assume que sua opinião (*doxa*) é conhecimento (*episteme*), além de cometer o mais grave pecado filosófico, imobiliza-se porque “já sabe”. E imobiliza-se no trânsito, em meio à busca, onde não se pode permanecer. É o drama da alma que engana-se a si mesma. O reconhecimento de um interior, a consciência do

⁹ “Nada surge do nada” (Nota do tradutor)

¹⁰ *Cfr Banquete*, 203b-204a

¹¹ *Cfr Apologia*, 21c-d



trânsito, o sabido, o não sabido, nos dá o tom do intermediário. E daí, do sofismático, é que se faz a pergunta.

O que conhecemos como “diálogo socrático” mostra-nos, com uma precisão inestimável, os vínculos profundos entre desejar e perguntar. Sócrates e Platão fazem da atmosfera filosófica um campo de tensão capaz de sustentar suas buscas nas redes do erótico. A sedução enreda-se com argumentos difíceis, que removem certezas e tornam possível o milagre lento da própria transformação. As perguntas sobre a vida, a indagação entusiasmada e transformadora, não podem desviar-se da tensão erótica, da persuasão amorosa, que nos impulsiona às buscas íntimas e universais, que atualmente são um pouco o mesmo. Em uma ocasião Sócrates, em suas andanças sedutoras, passou por médico frente às dores de cabeça do belo Cármides. Oferece-lhe uma “oração” que só seria eficaz com a administração de uma “erva” que lhe indicou um médico trácio¹². Recuperado de seu enlevamento pela beleza do jovem, e pelo poderoso clima instalado entre eles, começa um severo diálogo que pretende provar se essa beleza que se faz corpo, abriga-se também na alma que se interroga¹³. Pois dialogar com o outro é sempre dialogar consigo mesmo. Com efeito, nisso consiste pensar – muito diferente do que a deusa revelou a Parmênides –, “no diálogo interior e sem voz que a alma tem consigo mesma”¹⁴. Nunca são distintos pensar e viver, atravessados pelo ímpeto erótico

Esse vagabundeio erótico – e epistemológico – é, e quero insistir nisso, uma porta que Platão nos abre. O vagabundear antigo associa-se, em geral, com “o pior pesadelo grego: não ter casa”¹⁵. Não *pertencer* a lugar algum. Mas o Eros

¹² Cf. *Cármides*, 155b-156c.

¹³ Cf. *Cármides*, 156d e ss.

¹⁴ *Sofista*, 263e.

¹⁵ Padel, R.: *A quien los dioses destruyen*, Madrid, Sexto piso, 1995, p. 187.



intermediário, secretamente fecundo, e com seu andar ao léu, lança-se desse espaço de imprecisão e torna-se fogo transformador, desejo ardoroso. E não teme o distante. A indefinição que atíça as forças divinas e imortais, que estão atravessadas de amor, abre a rota desconhecida, acaso estrangeira, que pode nos *ocorrer*, ser a nossa. Nesses transes muito complexos nos quais a alma, em fogo lento, vai se transformando e vive-se o enfraquecimento do que já não volta, o *daimon* vagabundo e feiticeiro não nos deixa decair. Dizia Nietzsche que o valoroso do homem, o que nele pode ser amado, é que “é uma ponte e não uma meta”¹⁶.

O diálogo platônico que hoje nos ampara é o *Banquete*. E aí, quem revela os mistérios do amor é uma advinha estrangeira, uma mulher estranha de Mantinea. A percepção de uma voz estrangeira tem o misterioso atrativo do que vem de longe, do que traz notícias de algum lugar desconhecido. Mas que tem, ao mesmo tempo, um secreto tom de intimidade. Como afirma Zimmer, “só depois de uma viagem a uma região distante, a uma país estrangeiro, a uma terra estranha, pode se revelar o significado da voz interior que deve guiar nosso intento.”¹⁷ Porque a mensagem vinda de outro horizonte, perfumada por outras vidas, pode ser o coração de nossa rota. Diotima, a estranha adivinha do *Banquete*, é duplamente estrangeira, por feminina e por ser sabedora de segredos. Com ela, Sócrates torna-se especialista em seus conhecidos assuntos eróticos. “Os deuses andam percorrendo as cidades sob a forma de forasteiros vindos de outras terras”,¹⁸ reza uma advertência da *Odisseia*.

¹⁶ Nietzsche, F.: *Así habló Zaratustra*, Madrid, Alianza, 2011, *prólogo*.

¹⁷ Zimmer, H.: *Mitos y símbolos de India* Madrid, Siruela, 2008, pp. 208-209.

¹⁸ *Odissea*, canto XVII, 483.



Nosso *daimon* meditador, ademais, *interpreta* as mensagens dos deuses e dos homens.¹⁹ Não há uma relação direta entre eles e nós, porque necessitamos do amor para que o divino nos fale e nos escute. Eros é a ponte, o vínculo (*syndesmos*) que permite que tudo seja um consigo mesmo.²⁰ Que não haja fraturas na existência, nem quebras irreparáveis na alma. Que não se abra um canal, um vazio interior, que possa nos extraviar, desfazermo-nos, e não nos transformarmos. Não nos apliquemos um golpe de esquecimento, nem fiquemos rotos de nós mesmos. Somos uma ponte, não um abismo. Este amor vagabundo, Eros de trânsitos e buscas, também, é adivinho. Podemos então confiar que não se vai extraviar em alguma travessia infinita. Confiar que nos trará a boa nova dos deuses, alegria secreta para o caminho, quando se torne difícil: sempre podemos ser diferentes. E será para embelezarmo-nos porque Eros, como diz Diotomia, só deseja o belo.

Lorena Rojas Parma
Universidade Católica Andrés Bello
lorojas@ucab.edu.ve

¹⁹ Cfr *Banquete*, 202e.

²⁰ Cfr. *Banquete*, 202a; *Gorgias*, 508